

1) Schelling, *Primeiro esboço de um sistema da filosofia da natureza*

Se a função superior é aos poucos reprimida *para a manifestação* por uma inferior, isso por certo produzirá um único produto orgânico, mas haverá tantos níveis de *manifestação* daquele produto quanto há níveis de passagem da produtividade no produto. Isso leva à ideia da fisiologia comparada, que busca a continuidade da natureza orgânica, não nas passagens da figura e da constituição orgânica, mas nas passagens das funções umas nas outras. (*Erster Entwurf*, p. 195)

2) Schelling, *Da alma do mundo*

Como é inegável, pelo que precede, que no ser vivo ocorre um escalonamento das funções, já que a natureza opõe a irritabilidade ao processo animal, e a sensibilidade à irritabilidade, e institui assim um antagonismo das forças que mantêm o equilíbrio entre si na medida em que, quando uma cresce, a outra diminui, e vice-versa, é-se levado a pensar *que todas essas funções são apenas ramos de uma e mesma força, e que um único princípio natural que temos de admitir como causa da vida surge nelas apenas em suas manifestações singulares [einzel]*, assim como, sem dúvida, um único e mesmo princípio universalmente difundido na luz, na eletricidade etc., se manifesta apenas em manifestações diferentes. (*Weltseele*, p. 618-619)

3) Carl Friedrich Kielmeyer

Assim seriam constituídas leis segundo as quais as forças particulares se modificam na série das organizações. A pergunta sobre o que se pode retirar das leis particulares como plano da natureza para as modificações das proporções dessas forças tomadas em conjunto, pode ser respondida sucintamente: a capacidade de sentir é paulatinamente reprimida na série das organizações pela excitabilidade ou pela força reprodutiva e, por fim, também a irritabilidade cede a essa última, quanto mais uma aumenta, tanto menos há da outra, e sensibilidade é o que menos se dá com força reprodutiva; além disso, quanto mais uma dessas forças foi desenvolvida por um lado, tanto mais foi negligenciada por outro. Mas é reconhecível também, por outro lado, que, a despeito dessas compensações, não apenas as forças particulares, mas também a soma das forças diminui em

proporções desconhecidas, que não se deixam esclarecer nem pelo meio no qual os animais vivem, nem por outras circunstâncias; a simplicidade dessas leis, que se difundem numa enorme diversidade, chama no entanto ainda mais atenção, quando se lembra que justamente essas leis segundo as quais as forças estão divididas por diferentes organizações, também são aquelas segundo as quais ocorria a divisão das forças em diferentes indivíduos da mesma espécie, e também num único e mesmo indivíduo em seus diferentes períodos de evolução: também o homem e o pássaro são semelhantes a uma planta em seu primeiro estado, neles se agita a força reprodutiva, depois sua irritabilidade surge no elemento úmido em que vive, também o coração desses animais é indestrutivelmente excitável, e só por fim se encadeia um sentido depois do outro, aproximadamente na mesma ordem, desde baixo, em que aparecem na sequência das organizações, e aquilo que antes era irritabilidade, se desenvolve por fim em capacidade de representação ou, ao menos em seu órgão material mais imediato invisível.<sup>1</sup>

4) Schelling, *Primeiro esboço de um sistema da filosofia da natureza*

a) Cada organização não é senão a expressão comum para uma diversidade de ações, que se delimitam mutuamente numa determinada esfera. Essa esfera é algo que se pereniza – não meramente algo que passa como fenômeno –; pois ela é aquilo que *surgiu* do conflito das ações, o monumento, por assim dizer, daquelas atividades que engrenam umas nas outras, é, portanto, *o próprio conceito* da mudança mesma, que é, por isso, a única coisa que dura na mudança. Mesmo sob toda ausência de lei nas ações, que se estorvam continuamente umas às outras, permanece, não obstante, a *conformidade à lei do produto* mesmo, que elas se obrigam a produzir entre si (e a mais nenhum outro), por meio do que aquelas visões da organização, como de um produto que *é por si mesmo* aquilo que ele é – que, por conseguinte, é ao mesmo tempo a causa e o efeito – meio e fim – de si mesmo, são justificadas como conformes à natureza.

b) Ora, esse conflito das ações no qual se constitui propriamente cada ser orgânico (como a expressão permanente dele) se exteriorizará em certas ações

---

<sup>1</sup> Carl Friedrich Kielmeyer, *Über die Verhältnisse der organischen Kräfte unter einander in der Reihe der verschiedenen Organisationen*. Marburgo: Basiliken, 1993, pp. 35-37.

necessárias; as quais, uma vez que resultam do conflito orgânico, têm de ser consideradas como funções do organismo mesmo.

c) Como essas funções provêm necessariamente da essência do organismo, elas serão *comuns* a todas naturezas orgânicas.\* Toda diferença no reino natural orgânico poderia, portanto, provir apenas de uma *proporção diferente* dessas funções no que diz respeito à sua intensidade.

\* Por exemplo, se aquela alternância de expansão e contração nos fenômenos da irritabilidade (pulsação) é condição necessária de todo produto natural, de toda formação, ela não pode faltar em nenhum organismo.

d) Mas uma proporção diferente dessas funções segundo a identidade não poderia ocorrer se essas funções em geral se encontrasse numa *proporção direta* entre si, de modo que, se uma aumentasse em intensidade, a outra também teria de aumentar, e vice-versa; pois assim só a intensidade *absoluta* das funções poderia ser aumentada ao infinito, mas sua proporção mesma [sua intensidade relativa] não poderia ser modificada. As funções, portanto, teriam de estar entre si numa *proporção inversa de intensidade*, de modo que, assim que uma aumentasse de intensidade, a outra teria de diminuir, e inversamente, assim que uma diminuísse de intensidade, a outra teria de aumentar. Em suma: as funções teriam de se *opor* umas às outras e se manter reciprocamente em equilíbrio, o que já em si concorda com o conceito de organização.

e) Em cada organização singular, portanto, ou uma dessas funções poderia ser a *dominante*; mas uma tem de ser dominante no mesmo grau em que a sua oposta teria de ser subjugada. Ou essas funções poderiam manter-se em *equilíbrio* numa mesma organização. Entretanto, uma vez que essas funções são opostas e, por conseguinte, uma exclui a outra, é impossível que sejam unificadas num *único* e mesmo indivíduo. Portanto, a organização *única* em que *todas* elas estariam unificadas teria, por assim dizer, de se dispersar, e aquelas diferentes funções teriam de estar, por assim dizer, repartidas entre muitos indivíduos singulares. Esses indivíduos, porém, teriam apenas de produzir de novo aquela organização mediante sua cooperação e, inversamente [porque no organismo tudo é recíproco], o exercício de suas funções teria de ser possível somente no interior desse organismo. Elas estariam, portanto, para a organização toda ao mesmo tempo como causa e efeito de sua atividade. Mas aquilo que está assim para a organização (como para um todo) [e todavia mantém ali individualidade própria]

se chama *órgão*. Portanto, onde tais funções opostas são unificadas numa *única* organização, elas devem estar repartidas em diferentes *órgãos*. Quanto mais, por isso, aumenta a diversidade das funções no reino orgânico natural, tanto mais diversificadamente se desenvolve o sistema dos órgãos (chamado, em parte, sistema de vasos, o que é inteiramente falso, pois nada é meramente *vaso* no interior da organização). Na medida em que cada um desses órgãos exerça sua função particular, lhe cabe uma *vida própria* (*vita propria*) – na medida, porém, em que o exercício dessa função só seja possível no interior daquele organismo todo, lhe cabe uma vida *de empréstimo*, e é preciso que seja assim segundo o conceito de organização. Se, portanto, as diversas proporções possíveis das funções orgânicas podem ser deduzidas *a priori*, então com isso estaria ao mesmo tempo deduzida, porque a estrutura orgânica depende dessa proporção mesma, toda a diversidade de organizações possíveis.

f) Entende-se agora o problema: determinar *a priori* as diferentes funções orgânicas e suas diferentes proporções possíveis. – Caso se consiga solucionar esse problema, com isso não se introduziria apenas um *escalonamento dinâmico* na natureza, mas se teria ao mesmo tempo deduzido também *a priori* o escalonamento na natureza mesma, e a *história natural atual* se elevaria com isso a *sistema da natureza*.

*Nota.* A bem da verdade, a *história natural* foi até agora *descrição natural*, como Kant notou bastante corretamente. Ele mesmo propõe o nome de história natural para um ramo particular da ciência natural, a saber, o conhecimento das mudanças graduais que as diferentes organizações da terra sofreram pelas influências da natureza externa, pelas mudanças de um clima num outro etc. Mas se a ideia acima exposta fosse exequível, o nome de história natural receberia uma significação muito mais alta, pois então haveria realmente uma *história* da natureza, a saber, como ela, mediante desvios contínuos de um ideal comum – e, portanto, nessa medida formando livremente – mas não por isso sem lei – porque ela permanece constantemente no interior dos limites do ideal –, produz aos poucos toda a diversidade de seus produtos, e assim realiza o ideal, não certamente no indivíduo, mas no todo.

Ora, além disso se pergunta que princípio de ordenação a mera descrição natural (que está então para a história natural, no sentido indicado da palavra, mais ou menos como a anatomia está para a fisiologia) deveria seguir. Uma vez que a

continuidade das espécies (*continuitas formarum*) não é encontrada na natureza, enquanto for buscada somente segundo as notas características externas, ela [descrição natural] teria de expor a cadeia natural, como se fez até agora, com contínuas interrupções, ou se servir da anatomia comparada ou, finalmente, como também já se tentou, se servir daquela *continuidade das funções orgânicas* como princípio de ordenação. Esta última é o objeto da próxima tarefa, na qual todos os problemas da filosofia da natureza poderiam ser facilmente unificados, e para a qual, por isso mesmo, se escolheu a expressão a mais geral. [Tarefa: Dever-se-ia deduzir *a priori* o escalonamento dinâmico na natureza em geral.]